

## Liturgia eucarística

Jesus, quando reuniu os apóstolos para celebrar sua última ceia pascal, os chamou à íntima comunhão consigo. Por isso afirmou: “Vós sois meus amigos [...]. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai” (Jo 15,14-15).

Estar à mesa com Cristo não se trata somente de uma relação horizontal de amizade; vai mais além, implica uma comunhão de vida e de morte com sua pessoa e sua missão. Ele entrega sua vida para a salvação da humanidade, ao apresentar-se a si mesmo como caminho, verdade e vida, colocando-se acima da lei e de qualquer outro poder deste mundo. A última ceia, com os sinais do pão e do vinho, torna-se o sacramento de sua morte na cruz e de sua confiança inabalável no Pai.

Hoje, ao nos reunir para a Eucaristia, celebramos o único sacrifício de Cristo na cruz e a sua ressurreição. Participamos da Páscoa de Cristo fazendo memória, isto é, lembrando a Deus o sacrifício redentor de Cristo para que ele nos associe a esse acontecimento e renove a sua graça, por meio do gesto sacramental de comunhão no pão e no vinho. Quando a Igreja celebra a Eucaristia, rememora a Páscoa de Cristo, e esta se torna presente em forma de ceia.<sup>1</sup>

O símbolo escolhido, o da refeição, é o melhor para exprimir a profundidade deste encontro interpessoal entre Cristo e sua comunidade. A Ceia do Senhor nos faz entrar na dinâmica de sua Páscoa e de sua vida definitiva, alimentando-nos, assim, em nossa marcha na história.

A estrutura da celebração eucarística nos leva a ser fiéis ao espírito com que Jesus a instituiu e aos primeiros cristãos que a celebraram. Para compor e despedir a assembleia, há os *ritos iniciais* e os  *finais*.

Os ritos iniciais têm como objetivo reunir a assembleia e predispô-la para acolher a Palavra. Essa assembleia é a Igreja convocada pela Trindade Santa como povo santo. Desde o início, entendemos que celebramos nossa vida em comunhão com a Família Trinitária e rezamos com o coração em Deus, num só pulsar. Por isso que celebrar envolve seriedade e contentamento de unir nossa vida com Deus a fim de recebermos força e coragem para seguir adiante.

A missa se articula em duas partes principais: “A liturgia da Palavra e a eucarística estão tão intimamente unidas entre si, que formam um só ato de culto. Temos a mesa do Pão da Palavra e a mesa do Pão Eucarístico, ambas formam uma só”.<sup>2</sup> A Palavra de Deus, lida e anunciada na liturgia pela Igreja, conduz à Eucaristia como a seu fim conatural.

<sup>1</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1364.

<sup>2</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 28.

Após a ressurreição de Jesus, Lucas nos apresenta a cena dos dois caminheiros que estavam tristes e decepcionados, por isso se afastavam de Jerusalém e iam em direção do povoado de Emaús (Lc 22,13-35). O profeta poderoso em palavras e obras o qual acreditavam ser o messias libertador de Israel morreu crucificado pelas autoridades. Num primeiro momento, Jesus põe-se a caminho com eles: “E, começando por Moisés e passando por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, as passagens que se referiam a ele” (v. 27).

Numa celebração eucarística, podemos identificar este momento com a liturgia da Palavra. No final do trajeto, os discípulos de Emaús vão constatar: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (v. 32).

## Os quatro movimentos

Também os discípulos vão reconhecer o Cristo na fração do pão. “Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram” (vv. 30-31). Esses quatro verbos também repetidos na multiplicação dos pães e na última ceia mostram os quatro movimentos da liturgia eucarística.<sup>3</sup>

- |                                      |                          |
|--------------------------------------|--------------------------|
| • Ele <b>tomou</b> o pão... o cálice | Preparação das oferendas |
| • Deu graças                         | Oração Eucarística       |
| • Partiu o pão                       | Fração do pão            |
| • E o deu                            | Comunhão                 |

*Preparação das oferendas:* forma-se a procissão do pão e do vinho que são levados ao altar. “No pão e no vinho, toda a criação é assumida por Cristo Redentor para ser transformada e apresentada ao Pai. Nesta perspectiva, levamos ao altar também todo o sofrimento e tribulação do mundo, na certeza de que tudo é precioso aos olhos de Deus (...) esse gesto permite valorizar a participação primeira que Deus pede ao homem, ou seja, levar em si mesmo a obra divina à perfeição.”<sup>4</sup>

De fato, a transformação em Cristo que o pão e o vinho estão chamados a ser é o movimento que toda a natureza espera, enquanto geme as dores do parto de sua libertação do pecado. Toda a celebração eucarística é uma grande ação de graças ao Pai pela criação, e principalmente porque enviou seu Filho que a redimiou e libertou. Assim, todo o cosmo é chamado a esta grande libertação.

A presença de Cristo no pão e no vinho suscita “um processo de transformação da realidade, cujo termo último é a transfiguração do mundo inteiro, até chegar àquela condição em que Deus

<sup>3</sup> Idem, n. 72.

<sup>4</sup> BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. São Paulo, Paulinas, 2007, n. 47.

seja tudo em todos (1Cor 15,28)”.<sup>5</sup> “Toda a criação [...] e também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nosso íntimo, esperando a condição filial, a redenção de nosso corpo” (Rm 8,22-23). Por isso, a celebração eucarística conserva seu caráter universal e cósmico.

Na aclamação do *Santo*, a Igreja, unindo sua voz à dos anjos, convoca toda a natureza para louvar o Pai. A presença de Cristo no pão e no vinho suscita “um processo de transformação da realidade, cujo termo último é a transfiguração do mundo inteiro, até chegar àquela condição em que Deus seja tudo em todos (1Cor 15,28)”.<sup>6</sup>

*Deu graças* é o significado da palavra “Eucaristia”. Jesus rezou várias *orações de bênçãos e ação de graças* (em hebraico, *beraká*) e durante a última ceia o fez especialmente sobre o pão e, no fim da ceia, sobre o vinho. A Oração Eucarística foi inspirada nas grandes orações judaicas, tem o caráter de bênção e de ação de graças ao Pai pela maravilha de sua criação e, principalmente, por tê-la levado à perfeição com a redenção que Cristo protagonizou com sua morte e ressurreição. Damos graças porque o Pai nos santifica com o seu Espírito, conduzindo-nos de volta a ele.<sup>7</sup>

“A Oração Eucarística é centro e ápice de toda a celebração, prece de ação de graças e santificação. O sacerdote convida o povo a elevar os corações ao Senhor na oração de ação de graças e o associa à prece que dirige a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo, em nome de toda a comunidade. O sentido desta oração é que toda a assembleia se una com Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oferta do sacrifício.”<sup>8</sup>

A Oração Eucarística nos educa a reconhecer a soberania de Deus sobre todo o criado, a ter sentimentos e atitudes de louvor ao Pai que nos cumulou de tantos dons: a vida, a natureza, os rios, o mar. Tudo vem dele, é dom de sua providência que nos cuida e protege.

No início do prefácio, o sacerdote diz: “Demos graças ao Senhor, nosso Deus” e respondemos: “É nosso dever e salvação”. O ministro prossegue: “Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo lugar”. Essa é a postura que cabe ao cristão: *Em tudo dai graças* (1Ts 5,18). Por isso sempre dizemos: *Graças a Deus*.

## Partes da Oração Eucarística

Procure ter em mãos o texto da *Oração Eucarística III* para verificar cada uma de suas partes.

<sup>5</sup> Cf. Id., ib., n. 11.

<sup>6</sup> Id., ib., n. 11.

<sup>7</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1359-1360.

<sup>8</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 78.

O *prefácio* inicia a oração ao apresentar específico acontecimento da salvação comemorado naquela celebração.

A aclamação do *santo* conclui o prefácio. Toda a assembleia louva o Senhor Deus, retomando aquelas palavras que, conforme o profeta Isaías 6,1-3, foram pronunciadas pelos serafins diante do trono da majestade divina.

O sacerdote invoca o Espírito Santo para transformar o pão e o vinho no corpo e no sangue de Cristo, é a primeira *epiclesse* (“invocação sobre”). Segue a *narrativa da instituição* e a consagração, quando pelas palavras e ações de Cristo se realiza o sacrifício que ele instituiu na última ceia.<sup>9</sup> Depois, invoca novamente o Espírito Santo para que transforme o povo que celebra (assembleia litúrgica) no Corpo de Cristo.

Segue a *anamnese*, pela qual, cumprindo a ordem recebida do Cristo através dos apóstolos, a Igreja faz a memória do próprio Cristo, lembrando principalmente a sua bem-aventurada Paixão, a gloriosa Ressurreição e a Ascensão aos céus.

Nas *intercessões* da prece eucarística, a Igreja une-se aos seus membros que já se encontram com o Pai, nossos irmãos falecidos, e invoca a Virgem Maria, os apóstolos e os santos que nos precedem na glória. Assim, a Igreja peregrina neste mundo e a Igreja gloriosa proclamam um só louvor ao Pai, por Cristo e na força do Espírito. A tensão em direção às últimas realidades suscitada pela Eucaristia *exprime e consolida a comunhão com a Igreja celeste*.

Unimo-nos à liturgia celeste, associando-nos àquela multidão imensa que grita: “A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro” (Ap 7,10). A Igreja se incorpora à ressurreição de Cristo na Eucaristia. Este sacramento não só é atualização da páscoa passada, mas também do Reino definitivo.

Na Eucaristia, o sacerdote, ao finalizar a Oração Eucarística, eleva o pão e o vinho consagrados e diz: *Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo...* Jesus Cristo ao se encarnar nos redimiu de todo o mal. Ele é o único mediador entre Deus e a humanidade. Cristo deu seu “sim” à vontade do Pai. “A Igreja responde fielmente o mesmo ‘Amém’ que Cristo, mediador entre Deus e os homens, pronunciou, de uma vez para sempre, ao derramar seu sangue, a fim de selar, com a força de Deus, a Nova Aliança no

---

<sup>9</sup> Toda a oração eucarística forma uma unidade e tem caráter consecratório, por isso não convém destacar com grande relevo o momento da elevação do pão consagrado ou do cálice com uso de campainhas. Pois a grande elevação da oferta de Cristo ao Pai, associando a si a sua Igreja, seu corpo, se dá na conclusão da mesma oração com o “Por Cristo, com Cristo e em Cristo...”.

Espírito Santo”.<sup>10</sup> Por isso, respondemos com força e convicção o *Amém*, que é o nosso “sim” ao projeto salvífico da Trindade, assim somos associados por Cristo ao seu sacrifício e apresentamos ao Pai as obras da vida diária que realizamos sob a inspiração e força do Espírito Santo. Este é o nosso culto espiritual.

## Fração do pão

*Partiu o pão*: os discípulos de Emaús contaram “como o tinham reconhecido ao partir o pão” (Lc 24,35). “O gesto da fração do pão realizado por Cristo na última ceia, que no tempo dos apóstolos deu o nome a toda a ação eucarística, significa que muitos fiéis, pela comunhão no único pão da vida, que é o Cristo, morto e ressuscitado pela salvação do mundo, formam um só corpo”.<sup>11</sup> “O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos desse único pão” (1Cor 10,16b-17).

Quando o sacerdote parte o pão na missa, manifesta o valor e a importância do sinal da *unidade* de todos em um só pão e da *caridade fraterna* pelo fato de um único pão ser repartido entre os irmãos.<sup>12</sup> Quem come do pão que o Senhor reparte para nós, isto é, seu corpo e sangue, compromete-se a repartir seu pão, a sua vida, com os irmãos.

Assentar-se à mesma mesa tem uma implicação muito séria em nossa vida. Significa assumir para si a mesma atitude de doação de vida que o Senhor teve para conosco. *E o que significa celebrar a Eucaristia numa sociedade de ricos e miseráveis?* O Papa João Paulo II, quando visitou o Brasil em julho de 1980, ao abrir o X Congresso Eucarístico Nacional, em Fortaleza (CE), mostrou as consequências concretas que têm a fração do pão eucarístico na vida do cristão. “Na sagrada mesa desaparece toda diferença de raça ou de classe social, permanecendo somente a participação de todos no mesmo alimento sagrado. Esta participação, idêntica em todos, significa e realiza a supressão de tudo o que divide os homens e [...] facilita-se o cumprimento das exigências pedidas pela justiça, devido precisamente ao clima particular de relações interpessoais que a

<sup>10</sup> *Elenco das leituras da missa*, n. 6.

<sup>11</sup> *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 83.

<sup>12</sup> Cf. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*, n. 321, continua este número: “Convém que o pão eucarístico seja de tal modo preparado que o sacerdote possa de fato partir a hóstia em diversas partes e distribuí-las ao menos a alguns dos fiéis”. O fato de consagrarmos partículas na missa dificulta a concretização do sinal do único pão e, conseqüentemente, o gesto de partir o pão fica subentendido quando o presidente parte apenas a hóstia grande. Sempre que possível, reunir a hóstia grande e as partículas numa única patena (bandeja) para ajudar a visibilizar o único pão e também para mostrar que não há diferença entre a hóstia grande e as hóstias pequenas.

caridade fraterna vai criando dentro da própria comunidade [...]. Da Eucaristia brota, como atitude fundamental, a partilha fraterna.”

A refeição implica assentar-se à mesma mesa sem discriminações de raça, classe social ou sexo. Assim, vê-se mais claramente a relação da ceia eucarística com o banquete do fim dos tempos, no qual “não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus” (Gl 3,28). O Pai nos quer igualmente a todos.

## Rito da comunhão

*Deu: a comunhão* é o ponto de referência, pois tudo na celebração tende a que os fiéis cheguem à comunhão com o Senhor “devidamente dispostos”. É o que pretendem de modo especial os três momentos de preparação imediata: o Pai-nosso, o gesto de paz e a ação simbólica da *fração do pão*.

Na Eucaristia, o próprio Cristo se faz nosso alimento para comunicar-nos sua própria vida, sua Nova Aliança, e para edificar sua comunidade como seu próprio corpo. A finalidade é construir a comunidade de fé, que assume a missão do Evangelho. Seu efeito fundamental é a comunhão de todos com Cristo e entre si, formando o corpo eclesial de Cristo. Uma vez que fomos alimentados por Cristo com o Pão Eucarístico, sejamos transformados por ele num só corpo.

## Ritos finais

Os *ritos finais* marcam o envio dos fiéis (do latim, *missio*: “missão”, “envio”) para que cumpram a vontade de Deus em sua vida cotidiana.<sup>13</sup> Somos enviados a viver esse amor trinitário junto a todos que creem e não creem. O encontro com o Senhor é transformador e libertador. Nunca ficamos indiferentes depois de sentir a sua presença. Ele nos concede o seu Espírito Consolador e nosso Advogado que nos acompanha, e, tal como uma fonte, alimenta as boas obras que deveremos empreender no altar de nosso coração durante toda a semana.

Núcleo de Catequese Paulinas

Livros indicados:

NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia*. Memória e presença do Senhor. São Paulo, Paulinas, 2004.

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS – PASTRO, Claudio. *Iniciação à liturgia*. São Paulo, Paulinas, 2012.

AZEVEDO, Walter Ivan de. *O pão da vida*. São Paulo, Paulinas, 2012.

<sup>13</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1332.